



# EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O USO DAS TECNOLOGIAS ASSISTIVAS: **DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PRÁTICA DO DOCENTE.**

.....

## **UNIDADE II – Educação especial e inclusiva: foco na aprendizagem**

ISBN n.º 978-65-89410-20-1

### **Organizadores**

Prof. Me. Josenilson Neves Ferreira  
Prof.ª MA. Wendla Mendes Silva Borges



EDITORA  
**LABORO**



**Expediente Faculdade Laboro**

**DIRETORA GERAL**

Sueli Rosina Tonial Pistelli

**DIRETORA EXECUTIVA**

Luciana Protazio Dias Araujo

**COORDENADORA ACADÊMICA**

Emmanueli Iracema Farah

\*\*\*\*\*

**REVISÃO E EDIÇÃO**

Bruna Rafaella Almeida da Costa

**DIAGRAMAÇÃO**

Pedro Henrique Macedo de Araujo

**COMISSÃO EDITORIAL**

Profa. Dra. Sueli Rosina Tonial Pistelli – Faculdade Laboro

Prof.ª M.ª Emanuelli Iracema Farah

Profa. Luciana Protazio Dias Araujo

Profa. Ma. Bruna Rafaella Almeida da Costa – Faculdade Laboro

## **COMITÊ CIENTÍFICO**

Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Priscila de Sousa Barbosa Castelo Branco

Prof.<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Emanuelli Iracema Farah

Prof. Me. Josenilson Neves Ferreira

Prof.<sup>a</sup> M<sup>a</sup>Wendla Mendes Silva Borges

Prof.<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Leurides Costa de Araújo Soares

Prof.<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Lorena Kelly Silva Almeida

Prof. Me. Nivaldo Germano

Prof.<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Lívia Mariana Costa

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréa Dias Reis

Prof.<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Maria Eliana Alves Guimarães Dutra

Prof.<sup>a</sup> M<sup>a</sup>. Shirley Ribeiro Carvalho.

Prof. Dr. Carlos André Bogéa Pereira

Prof.<sup>a</sup> M<sup>a</sup>. Leonor Viana De Oliveira Ribeiro

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Waleria de Jesus Barbosa Soares.

## **DOCENTES:**

Prof.<sup>a</sup> Esp.<sup>a</sup> Daniele Amorim

Prof.<sup>a</sup>. Esp.<sup>a</sup> Joselina Almeida Diniz Cardoso

Prof. Me. Josenilson Neves Ferreira

Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Shirley Ribeiro Carvalho

Prof.<sup>a</sup>. Esp.<sup>a</sup> Luce Malba Campos Rodrigues

Prof.<sup>a</sup>. M<sup>a</sup>. Lívia Mariana Costa

Prof.<sup>a</sup> M<sup>a</sup>. Wendla Mendes Silva Borges

Prof.<sup>a</sup> M<sup>a</sup>. Priscila De Sousa Barbosa Castelo Branco

Prof.<sup>a</sup> Janaina Dos Santos Pereira

Prof.<sup>a</sup> M<sup>a</sup>. Leonor Viana De Oliveira Ribeiro

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Sueli Tonial Pistelli

Prof.<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Andréa Dias Reis

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Isabelle Christine Vieira Da Silva Martins

Prof.<sup>a</sup> Esp<sup>a</sup>. Maria Eliana Alves Lima

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Waléria De Jesus Barbosa Soares

## **DISCENTES:**

Mariana de Jesus Dutra  
Érica Silva Pires  
Maurianne Kelly silva e Silva de Hungria  
Isabelly Cristina da Conceição Silva  
Josiane Dos Reis Coelho  
Euliany Costa Albuquerque  
Gleiciane De Sousa Vieira  
Francineia Pires  
Mickaelly Dantas  
Kerlennen Pricila  
Waleria Thays  
Beatriz Silva Machado  
Janety Cleide Mendes Ferreira  
Edna Maria Correa Dos Santos  
Claudeneide Silva Soeiro  
Jaciane Ferreira Louzeiro  
Larissa Garcia Da Silva  
Maria Lívia Santiago De Sousa Germano  
Laurielly Ferreira Pinheiro  
Gracilene Lima De Oliveira Pereira  
Iris Natalia Silva Carvalho

Carla Bianca Araujo Costa Barros  
Josiane Serra De Sousa  
Karianne Vitória Lima Cantanhede  
Larissa Cristina Barroso Ferreira  
Marcella Castro Sousa  
Marlene De Jesus Mendes Araujo  
David Moraes  
Levy Cálide Dos Santos Pereira  
Gesiane Pereira Rego  
Swenne Michelle Pinheiro Costa Leite  
Thainara Ribeiro Costa  
Michely Das Mercês Siqueira Rodrigues  
Fernanda De Jesus Dutra  
Cristiane Costa Da Silva Cantanhede  
Fabyola Alves Trindade  
Francisca Dos Santos Vieira  
Gabriel Pontes Da Conceição  
Ingrid Pinheiro Ferreira  
Luana Paixão Pereira  
Rayssa De Moura Mota  
Sabrina Nascimento Figueredo

## **EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O USO DAS TECNOLOGIAS ASSISTIVAS:**

### **DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PRÁTICA DO DOCENTE**

#### **Unidade II**

Direção Acadêmica - Faculdade Laboro/MA  
Av. Castelo Branco, Nº 605 - São Francisco, CEP: 65076-090

São Luís- MA  
Telefone: (098) 3216 9900

F383e Ferreira, Josenilson Neves

Educação inclusiva e o uso das tecnologias assistivas: desafios e possibilidades da prática do docente. / Josenilson Neves Ferreira, Wendla Mendes Silva Borges (Orgs.). – São Luís: Laboro, 2023.  
39 f.

ISBN 978-65-89410-20-1

1. Educação inclusiva 2. Prática docente 3. Transtorno do espectro autista 4. Aprendizagem – crianças 5. Tecnologia assistivas I. Título

1) CDU 376:371.133+616.89

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Educação inclusiva 376
2. Prática docente 371.133

Arielle Priscila Silva Soares – Bibliotecária – CRB 13/811

# Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>7</b>
<b>A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÃO PRECOCE.....</b>	<b>9</b>
<b>O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM TEA.....</b>	<b>18</b>
<b>Utilização da caixa silábica como ferramenta de Inclusão Educativa.....</b>	<b>28</b>
<b>Desafios da Aprendizagem Inclusiva: Trabalhando os sentimentos e a família silábica da letra M com os alunos com autismo (TEA).....</b>	<b>30</b>

# JORNADA CIENTÍFICA DE PEDAGOGIA

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O USO DAS TECNOLOGIAS ASSISTIVAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA PRÁTICA DO DOCENTE.

## APRESENTAÇÃO

A educação na perspectiva inclusiva é uma tendência que visa respeitar as diversidades existentes nos diferentes espaços de nossa sociedade, como também visa promover uma educação igualitária, acessível e que esteja em consonância com as demandas dos diferentes grupos como os indivíduos e pessoas com variados tipos de deficiência, seja auditiva, visual, intelectual, entre outras. Mas para que a inclusão nesta perspectiva seja uma realidade e que aconteça de formas significativa e com qualidade, precisamos discutir, alçar avanços teóricos, e principalmente concretizar tais perspectivas.

A educação inclusiva se designa como aquela que proporciona ao sujeito com outras características o ensino, minimizando e até sanando prejuízos em seu desempenho, e esta prerrogativa está respaldada na Lei Brasileira de Inclusão, na qual se encontra tais direitos não só no tocante a educação, mas em outros setores da sociedade.

A Faculdade Laboro estende este compromisso e socializa com o meio acadêmico por meio dos trabalhos apresentados na Jornada Científica de Pedagogia, os trabalhos acadêmicos e os relatos das práticas educativas que tem por objetivo evidenciar as práxis inclusivas e exitosas desenvolvidas pelos alunos e professores do Curso de Pedagogia.

Objetivo da Jornada Científica de Pedagogia foi, portanto, compartilhar conhecimentos na área de Educação Inclusiva contextualizada através das tecnologias digitais que dialogam com a formação e as práticas pedagógicas profissionais de diversos níveis e modalidades de ensino, abrangendo a discussão de políticas públicas para a área da educação especial.

Esperamos que esta publicação contribua com as reflexões e as práticas dos estudantes, professores e comunidade que se interessam pelos temas apresentados. É urgente pensar a educação especial na perspectiva da inclusão com suporte tecnológicos e os seus diversos eixos transversais.

# **UNIDADE II – Educação especial e inclusiva: foco na aprendizagem**





# A IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÃO PRECOCE

<sup>1</sup>Carla Bianca Araujo Costa Barros

<sup>2</sup>Priscila de Sousa Barbosa Castelo Branco

## RESUMO

O autismo é um transtorno caracterizado pela falta ou pouca interação social e na comunicação. Assim como o pouco interesse em atividades. Sendo assim, devendo-se procurar a ajuda rapidamente de um profissional para o diagnóstico, com isso, a intervenção precocemente. Desse modo, tem-se como objetivo e acredita-se que na escola esses detalhes possam mudar, já que a criança terá convívio com outras crianças e terá a ajuda de outros profissionais, tanto na escola como no tratamento que estará fazendo para que o ajude no transtorno. O objetivo desse trabalho é trazer um olhar mais benéfico para o diagnóstico atrelado com a intervenção precoce. Assim, tendo uma inclusão mais tranquila e eficaz na escola. Trata-se de uma análise qualitativa, onde os principais teóricos quem explanam melhor sobre o tema abordado é Kanner e Santos. Com isso, essa pesquisa tem a propósito de alertar e proporcionar o benefício que o diagnóstico e a intervenção trazem para a vida da criança e para os familiares, assim como para a escola.

Palavras-chave: Intervenção precoce, diagnóstico, autismo

## 1. INTRODUÇÃO

O autismo foi visto por muitos pais como algo tenebroso, onde as crianças não falariam, não iriam conseguir ter uma interação social, ficariam bem melhor se estivessem sozinhas que com companhia de amigos ou de outros e que não seriam suficientes. Desde o princípio, o autista é tratado solitariamente, assim, sendo visto pelas pessoas como uma pessoa alheia a tudo e não dando a importância necessária para o que precisa. Assim, os responsáveis ou quem convive com ele, acabam não dando a assistência e o amparo que de fato aquela criança precisa (Kanner (1943, p. 242).

Pensando nesse assunto, apresenta-se estudos através do google acadêmico, repositório digital e outros tipos de sites de buscas, trazendo a relevância do diagnóstico e da intervenção precoce para melhorar o desenvolvimento de uma criança autista no âmbito escola, e, com isso, melhorar em casa e em qualquer outro espaço que ela esteja. Dessa forma, mostrando que o desenvolvimento dela cresce e evolui por conta dessa intervenção. Com tudo isso, podemos nos questionar; qual a importância do diagnóstico e intervenção precoce para a inclusão escolar de uma criança com TEA (transtorno do espectro autista)? A criança conseguirá ter uma melhor interação social, uma comunicação mais avançada e, não menos

<sup>1</sup> Aluna do curso de Pedagogia, Faculdade Laboro.

<sup>2</sup> Docente da Faculdade Laboro, curso de Pedagogia.

importante, o tratamento adequado para qualquer eventualidade que lhes possa acontecer. Com base nisso, o desenvolvimento na escola também trará muito mais benefícios, visto que terá uma parceria entre escola, família e especialistas. Assim, todos poderão trabalhar em conjunto e obter bons resultados e melhor avanço daquela criança.

Essa pesquisa tem como objetivo alertar e inquietar os pais, parentes ou responsáveis de crianças que mostram algum tipo de atipicidade. Com isso, mostrar a importância de conhecê-lo melhor, e com isso, poder ter um diagnóstico e uma intervenção precocemente. Desse modo, trazendo muito mais benefícios para a criança e com todos os que os cercam, já que terá um desenvolvimento muito melhor na interação e na socialização.

## **2 O TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISTA E SEUS DESAFIOS.**

A evolução da ciência tem possibilitado um conhecimento mais especializado sobre os transtornos, já que ela nos ajuda a pensar e a enxergar as coisas com mais clareza e facilidade. Em foco colocamos o autismo que tem crescido seu diagnóstico no Brasil, já que é bem mais falado hoje que há alguns anos. O transtorno do espectro do autismo (TEA) é um transtorno que tem como algumas características tanto sociais como na comunicação, o prejuízo de exercê-las. Sabemos que a pessoa com TEA pode apresentar vários outros transtornos, como ansiedade, déficit de atenção, hiperatividade, dentre outros. Alguns especialistas afirmam que é possível detectar o autismo a partir dos 3 meses de idade. Normalmente não é possível diagnosticar uma criança antes dos 3 anos, mas isso não é uma regra.

Então, se surgir alguma dúvida em decorrência de comportamentos não esperado para aquela determinada idade, comece, de imediato, a intervenção, pois ele tem como objetivo melhorar o desenvolvimento da criança, fazendo com que ela tenha uma socialização e um cognitivo melhor. Baseando-se também em fazer com que a criança melhore seu comportamento, já que seu comportamento é visto como inadequado. Uma das maiores características já observada em pessoas com TEA, é o não olhar nos olhos de outra pessoa, sendo essa observação um caso de intervenção. Assim como descreve Baranek (1999):

Estudo realizado a partir da análise de videoteipes gravados no primeiro ano de vida de crianças diagnosticadas tardiamente apontou que os prejuízos relacionados aos comportamentos da atenção compartilhada, ou seja, dificuldades na capacidade de apontar objetos, dificuldades em olhar para os outros e dificuldades com aspectos de receptividade já estavam presentes aos 12 meses de idade (BARANEK, 1999).

Devemos sempre estar atentos ao desenvolvimento da criança. Muitas vezes eles nos dão sinais e não nos atentamos. A questão do não olhar nos olhos ao mamar, o não apontar para os objetos quando os interessa. Sempre devemos olhar com um olhar mais técnico nessas questões. Uma das áreas mais afetadas pelo TEA é a socialização.

Muitas vezes, o que chama a atenção de quem convive com a criança é justamente

a não socialização e a não interação. Muitas vezes ela brinca só, prefere ficar em locais mais calmos e menos propício a pessoas ao seu redor. Nos primeiros anos de vida, uma das primeiras áreas do desenvolvimento a despertar preocupação nos cuidadores de crianças com diagnóstico de TEA é a de comunicação social e interação (LORD et al., 1993).

As características do autismo podem aparecer em crianças a partir de 3 meses de idade, e por meio de exames específicos como o eletroencefalograma, é possível um diagnóstico, sendo mais específico a partir dos 3 anos de idade. É importante estarmos atentos aos sinais que as crianças dão para que o transtorno seja identificado mais rapidamente. Isso ocorre com a percepção dos pais, por isso, mesmo que não tenhamos filhos ou parentes com qualquer tipo de deficiência, é sempre bom ler e entender sobre, não só sobre o TEA, mas sobre outros tipos de atipicidades, podendo procurar profissionais e ter uma intervenção mais rápida e eficaz.

Alguns dos sinais são a falta de interação, atraso na fala e algumas outras características específicas. Lembrando que quanto mais cedo o diagnóstico, mais cedo a melhora no desenvolvimento cognitivo e social dessa criança. Mas, é importante lembrar que, não é só por ter identificado um sinal de autismo que a criança será, por isso, sempre se faz necessário a ajuda de um profissional, que possa instruir e dar as devidas orientações.

O imprescindível é o diagnóstico precoce, mas, para além dele, a intervenção e o tratamento, quanto antes melhor. Sempre devemos notar os sinais que as crianças dão, mesmo que menores que sejam. É sempre melhor prevenir. A qualquer suspeita que seja, mesmo que ache uma coisa banal, ou sem significância para outras pessoas, sempre vá atrás de ajuda de especialistas, pois como já foi dito, cada criança tem a sua especificidade, por isso, se houver qualquer incômodo, qualquer suspeita, busque ajuda, não fique a esperar ou acreditando que seja algo insignificante. Podemos perceber que é bem comum a família não saber lidar com crianças com TEA, não só a família, mas alguns profissionais envolvidos.

Em contrapartida, devemos saber que ninguém é igual a ninguém, assim como temos nossas limitações e diferenças, a criança com TEA também irá apresentar alguns tipos. Exemplo: atividades que os profissionais que os acompanham mandar para ser realizados em casa, ou até mesmo atividade para ser realizada na escola, talvez essa atividade não seja realizada, por isso, sempre devemos ter uma estratégia em vista, ou até duas, já que é uma situação imprevisível.

Frequentemente alguns profissionais se frustram com isso, mas é sempre bom estarmos à procura de ferramentas que estejam nos guiando e norteando para que possamos fazer com excelência o que nos é demandado. Psicólogo, psicopedagogo, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, dentre outros. Com esse acompanhamento, o desenvolvimento é eficaz e mais produtivo.

O primordial é conhecer e entender características de crianças com TEA para depois pensarmos em intervenções, através de atividades específicas e direcionadas para ele, pois, como já vimos, cada um tem sua característica particular, mesmo que tenham outras específicas dos autistas. Pessoas com TEA, apresentam características, segundo o DSM V (APA, 2013). São elas:

- 1- Deficiência recorrente na interação social e na comunicação.
- 2- Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades que pode ser mostrado por, pelo menos, dois aspectos. (Movimentos estereotipados, insistir muito em algo, resistir a rotinas ou rituais de comportamentos. Pouco ou nenhum interesse no foco e intensidade. Hiper ou hiporreativo a sons de ambientes.
- 3- Os sintomas podem aparecer bem no início da vida, nas primeiras etapas do desenvolvimento. Podem não estar manifestados totalmente, mas quando vier demandas a mais que o esperado, pode vier a tona, ou pode ficar guardado por um tempo também.
- 4- Os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo nas áreas social, ocupacional ou outras áreas importantes de funcionamento atual do paciente. E esses distúrbios não são mais bem explicados por deficiência cognitiva ou atraso global do desenvolvimento

Devemos entender que o diagnóstico não vem de forma negativa, e nem para servir como a identidade da pessoa, mas sim para melhorar a comunicação entre os profissionais envolvidos e para que a pessoa tenha um melhor desenvolvimento em qualquer área, na qual os profissionais irão desenvolver atividades personalizadas para o seu tipo de dificuldade.

“à compreensão de que a identificação precoce e a intervenção possibilitam um prognóstico mais positivo, também incentivam a tendência ao estabelecimento de diagnóstico mais precoce” (KLIN, 2006)

No caso da intervenção, deve ser, preferencialmente, com vários profissionais, sendo eles: Fonoaudiólogo, psicólogo, médico, terapeuta ocupacional, professor/pedagogo, psicopedagogos e outros profissionais. Mas, lembrando que o laudo (diagnóstico) é emitido, geralmente, por neuropediatra e psiquiatra infantil. Lembrando que a intervenção ajuda não só a criança com TEA, mas também as pessoas com quem ela convive. Pessoas essas que precisam saber como lidar com essa criança.

O maior contato na vida dessa criança é com o professor, por isso, a capacitação do professor fundamentalmente significativa. Especializações e conhecimento de seus alunos fazem com que esse trabalho seja um pouco mais tranquilo e eficaz.

Com a inserção da criança na escola, tende-se a ter uma melhora, já que ela irá ter contato com outras crianças e terá que interagir com elas de alguma forma. Nesse âmbito, entra a intervenção também do corpo docente da escola, já que terá que fazer essa inclusão escolar.

A ansiedade do professor em relação a criança atípica, mais precisamente, com TEA é um dos fatores prejudiciais. Segundo os estudos, também por conta de “achismos” que a sociedade coloca, exemplo disso é a falta de comunicação que o autista “tem”. Com isso, o ensino fica fragilizado, porque o professor trás suas barreiras para sala. Mas, a inclusão da escola proporciona grandes benefícios, como a concentração mais aguçada, a comunicação, a interação, a responsabilidade. Fora que a criança terá que ter uma independência maior para

si, e não dependerá tão mais dos responsáveis.

Porém, a inclusão de um autista na escola ainda é uma grande luta, já que nem sempre os professores, ou até do porteiro até o administrativo percebe-se um despreparo em relação as realidades que há por causa do transtorno. Isso ocorre por não ter um treinamento adequado com os profissionais das escolas. E para ter uma inclusão mais satisfatória e de sucesso, é de grande importância a receptividade do professor e da escola propiciando um ambiente agradável para aquela criança, pois ela terá um desenvolvimento mais favorável e rápido.

Quando a escola atual ainda não é estruturada e nem inclusiva, tem-se um prejuízo no desenvolvimento daquela criança atípica, já que ela não terá a interação e nem a instrução correta dos professores, consecutivamente, dos seus colegas de classe. A preparação dos docentes e de todos da escola não será só para esses alunos atípico, também levará benefícios para os alunos típicos, já que eles irão interagir com aquela outra criança e irá saber como agir da melhor forma com ele, já que em muitas escolas não vemos. A maioria das vezes, além de ser excluído pelo professor, ele também é excluído pelo aluno, dessa forma, não tendo qualquer outro tipo de apoio ou estrutura emocional para tratar ou para conseguir lidar com tal situação.

Podemos definir autismo ou transtorno do espectro autista como uma condição comportamental em que a criança apresenta prejuízos ou alterações básicas de comportamento e interação social, dificuldades na comunicação, por exemplo, na aquisição de linguagem verbal e não verbal; alterações na cognição e presença de comportamentos repetitivos ou estereotipados. É importante entender que existe um atraso significativo nos marcos de desenvolvimento dessas habilidades, e essas características aparecem nos primeiros anos de vida da criança. (Gaiato e Teixeira (2018, p. 13))

O diagnóstico e a intervenção são importantes para a vida escolar da criança pois as estratégias que o professor irá apresentar será eficaz e não trará prejuízo e nem será cansativo para a criança, trazendo assim, seu melhor potencial. Um diagnóstico tardio, pode trazer prejuízo a criança, já que não terá estratégias específicas e determinadas para ele. Podendo, assim, trazer malefícios, ou seja, o não desenvolvimento, como esperado para uma intervenção, já que o objetivo do diagnóstico é esse, a evolução da criança com as intervenções.

## **2.1 principais características do transtorno do espectro autista que favorecem o diagnóstico**

O número de brasileiros afetados pelo autismo (TEA) também tem aumentado, grande parte é pelo maior acesso a informações sobre o transtorno, já que agora temos bem mais acesso sobre, e à ferramentas de identificação precocemente. As principais características de uma pessoa com autismo é: a falta de comunicação, o não olhar olho no olho, a interação

social, andar nas pontas dos pés, não verbalizar o que quer. Lembrando que isso não são regras, pode haver suas exceções. Há casos de crianças que não necessariamente ande nas pontas dos pés que é autista, e há caso de crianças autistas que não andam. De toda forma, é sempre bom buscar especialistas, mesmo não havendo sinais tão claros.

## **2.2 As principais abordagens que propiciam a intervenção precoce**

Um dos métodos mais procurados para a intervenção é o ABA. Sabemos que o método ABA possui grande carga científica e tem sido o mecanismo de intervenção mais pesquisado e fortemente adotado, nos Estados Unidos, para levar a qualidade de vida de pessoas com transtorno do espectro autista (TEA) (GILLIS & BUTLER, 2007; LOVAAS, 1987; VAUGHN et al., 2003; VIRUÉS-ORTEGA, 2010; HOWARD et al., 2005; LANDA, 2007).

## **2.3 Práticas pedagógicas inclusivas que favoreçam o diagnóstico e intervenção precoce transtorno do espectro autista**

No olhar de SANTOS ele diz que agora há um interesse coletivo no quesito inclusão. Sabendo-se que nem sempre foi assim, já que muitas vezes nem mesmo o professor tinha práticas pedagógicas para incluir seu aluno atípico em sua sala de aula.

Práticas de inclusão em educação são todas as ações dos educadores (professores, técnicos pedagógicos, gestores, funcionários...) que promovam a participação plena do aluno em seu processo educacional e na vida cotidiana da escola. Por participação plena queremos dizer o usufruto do aluno, qualquer que seja ele, daquilo que lhe é direito: ser educado na escola. E ser educado na escola, é sempre bom lembrar, significa aprender tanto conteúdos curriculares quanto a conviver com a comunidade escolar (Santos 2010, p.1).

Com isso, o professor sempre deve estar em busca de conhecimento, se especializando e procurando em fontes seguras como melhor tratar com seus alunos. Como ter práticas se tiver crises, como chamar atenção quando estiver disperso. Por fim, sempre procurar melhorar e aprimorar seus conhecimentos para que assim, tenha uma evolução e uma inclusão daquela criança com algum tipo de transtorno ou deficiência em sua sala. Dessa forma, tendo uma sala mais tranquila e harmoniosa.

## **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho traz a importância do diagnóstico e da intervenção precoce,

não só na vida da criança, mas na vida dos familiares e dos professores, tendo em vista que, geralmente, são os professores os primeiros a notar certa “diferença” ou certos comportamentos que os levam a pensar que pode haver um transtorno naquela criança. Com isso, trazendo o alerta para os familiares e também comunicando os profissionais envolvidos da escola que podem entender melhor sobre (psicólogo, psicopedagogo). Com isso, entra os familiares para tomar as providências devidas.

Não tão distante, os pais e familiares também podem perceber essa diferença, já que o transtorno pode ser identificado nos primeiros 6 meses de vida da criança. Com isso, já sendo levada para uma possível intervenção, visto que a maioria das pessoas têm acesso facilitado para saber e entender mais sobre qualquer tipo de transtorno e deficiência hoje em dia. Com isso, facilitado a questão do diagnóstico e intervenção precocemente. Infelizmente, a aceitação não é tão fácil como parece, é de extrema delicadeza. Alguns pais têm um pouco mais de resistência que outro, mas, mesmo assim, é importante levar a criança para ali saber do que se trata e de imediato começar com a intervenção.

Na escola, seria interessante haver palestras de conscientização para todos que ali estão, já que trabalham em coletividade, não só alunos e professores. Com isso, todos iriam ficar por dentro do que fazer e mais inteirados. Podendo assim, até trazer uma maior visibilidade maior para a mesma, já que seria um diferencial. Levando palestrantes como psicólogos, psiquiatras, pais e até mesmo professores que podem compartilhar estratégias para os professores daquela escola.

Com isso, a importância de a escola andar junto com a família e vice-versa. A parceria de ambas traz um benefício maior na vida da criança, e não só dela, mas como na vida dos pais e no âmbito escolar, já que com isso, também há um maior desenvolvimento e um maior apoio de ambos, já que terá uma liberdade maior para que conversem sobre a criança em questão. Assim, possibilitando um maior vínculo entre pais, alunos e escola.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Ednea Rodrigues de. **Prática Pedagógica inclusiva: um estudo de caso em escola com atendimento educacional especializado (AEE) em Jaboatão dos Guararapes-PE.** 2014.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5** / [American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al.] – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2014.

AUTISTOLOGOS. “Um blog sobre uma família e o tratamento do transtorno do espectro autista”. Link: <<https://www.autistologos.com/copia-o-que-e-o-autismo>>. Acesso em: ago. 2022.

BARANEK, G. T. **Autism during infancy: a retrospective video analysis of sensory-motor and social behaviors at 9-12 months of age.** *J. Autism Dev. Disord.*, v. 29, n. 3, p. 213-24, 1999. Disponível em: <<http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/openaccess/9788580391329/completo.pdf#page=46>>. Acesso em: ago. 2022.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & sociedade**, v. 21, p. 65-74, 2009.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; RISPOLI, Mandy. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. **Revista Educação Especial**, v. 26, n. 47, p. 639-650, 2013.

DUARTE, Cíntia Perez et al. Diagnóstico e intervenção precoce no transtorno do espectro do autismo: Relato de um caso. **Autismo: vivências e caminhos**, p. 46-56, 2016.

GAIATO, M.; TEIXEIRA, G. **Rezinho autista: guia para lidar com comportamentos difíceis.** São Paulo: nVersos Editora, 2018.

GILLIS, J. M.; BUTLER, R. C. **Social skills interventions for preschoolers with Autism Spectrum Disorder: A description of single-subject design studies.** *Journal of Early & Intensive Behavior Intervention*, v. 4, n. 3, p. 532-547, 2007.

HOWARD, J. S.; et al. A comparison of intensive behavior analytic and eclectic treatments for young children with autism. **Research in Developmental Disabilities**, v. 26, n. 4, p. 359-383, 2005.

KANNER L. **Autistic disturbances of affective contact.** *Nervous Child*. 1943; 2: 217-50.

KLIN, A. (2006). **Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral.** *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28, 3 - 11.

LANDA, R. Early communication development and intervention for children with autism. **Mental Retardation & Developmental Disabilities Research Reviews**, v. 13, n. 1, p. 16-25, 2007.

LORD, C.; ET AL. Autism spectrum disorders. **Neuron**, v. 28, n. 2, p. 355-363, 1993.



LOVAAS, O. I. Behavioral Treatment and Normal Educational and Intellectual Functioning in Young Autistic Children. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 55, n. 1, p. 3-9, 1987.

SANTOS, Rogério Augusto. **O Psicopedagogo na instituição escolar: Intervenções psicopedagógicas no processo de ensino-aprendizagem**. Disponível em: <[www.psicopedagogiabrasil.com.br/artigos.htm](http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/artigos.htm)>. Acesso em: set. 2022.

SILVEIRA, Núbia Maria Gomes; SANTOS, Laissa Karen Faustino; STASCXAK, Francinalda Machado. Os desafios das crianças com autismo à Educação Inclusiva. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 4, p. 1-12, 2021.

VAUGHN, S.; et al. Social Skills Interventions for Young Children with Disabilities. **Remedial & Special Education**, v. 24, n. 1, p. 2, 2003.

VOLKMAR, Fred R; WIESNER, Lisa A. O que é o autismo?: Conceitos de diagnóstico, causas e pesquisas atuais. IN: **AUTISMO - GUIA ESSENCIAL PARA COMPREENSAO E TRATAMENTO**. Disponível em: <<https://statics-submarino.b2w.io/sherlock/books/firstChapter/133833760.pdf>>. Acesso em: ago. 2022.

# O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM TEA

<sup>1</sup>THAINARA RIBEIRO COSTA

<sup>2</sup>MARIA ELIANA ALVES LIMA

## RESUMO

O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre o transtorno do espectro autista e do papel da gestão escolar na inclusão dessas pessoas no âmbito educacional. Tem como objetivo analisar a política de inclusão e os seus reflexos na socialização e no ensino aprendizagem da pessoa com autismo, observando sistematicamente a atuação da gestão nas adaptações que ela fará para o recebimento desses alunos. A pesquisa pautou-se em estudos de referenciais teóricos que defendem as leis de inclusão e valorizam as mudanças do planejamento escolar e a formação para os professores para atenderem na perspectiva da diversidade e da aprendizagem inclusiva. Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo, com embasamento em Libâneo, Lucke e Vieira que defendem a gestão democrática com a participação da comunidade na tomada de decisões referente a organização escolar. Também incluiu a pesquisa documental de instrumentos técnicos norteadores como o Manual de Diagnóstico de Transtornos Mentais que faz a contextualização sobre o surgimento do autismo, buscou-se referências de outros estudiosos como Brito e Siqueira que apontam a manifestação do autismo, seus estereótipos e conclusões após o diagnóstico. Por fim, Mantoan com estratégias de ensino para os alunos com necessidades educacionais especiais e o Plano de Desenvolvimento Individual para o Atendimento Educacional Especializado que visa a realização de ações, nas quais a gestão tem importante participação na relação com a família para a melhoria do processo ensino-aprendizagem do aluno autista.

Palavras-chave: Gestão. Inclusão. Autismo.

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Declaração de Salamanca é reconhecido o direito de crianças, jovens, adultos e pessoas com necessidades educacionais especiais o direito de frequentar o ensino regular. Com base nisso, destacamos o Transtorno do Espectro Autista que é caracterizado pelas alterações na comunicação, na linguagem e na interação social, elas aparecem precocemente nos primeiros anos de vida, e após o diagnóstico é recomendado o tratamento com a equipe multidisciplinar que contribuirá para que a criança consiga se desenvolver durante a sua vida social e escolar.

O objetivo desse trabalho é buscar conscientizar sobre essa realidade já existente,

<sup>1</sup>Pedagogia, Faculdade Laboro, 2022.

<sup>2</sup>Docente da Faculdade Laboro, curso de Pedagogia.

mas que passou a ser discutida devido a frequente procura dos pais por escolas que atendam às necessidades educacionais especiais de seu filho(a). Com isso, os teóricos apresentados ao longo do desenvolvimento da pesquisa destacarão os conceitos de gestão democrática e inclusiva, autismo, diagnóstico do TEA e as contribuições da gestão para a recepção do aluno autista, além das leis de inclusão e dos documentos norteadores que ressaltarão que esses indivíduos pertencem a essa sociedade, tem seus direitos e merecem ser incluídos e respeitados.

Portanto, o texto destacará o papel da gestão escolar na receptividade e na adaptação em seu currículo para a contribuição no ensino aprendido do aluno com TEA, também na atenção para os docentes que não estão adeptos a tal realidade, contribuindo com formações para que ele seja um profissional mediador do conhecimento sem distinções. Por fim, estabelecer o contato com os pais e criar espaços para que a criança desperte suas habilidades motoras e socioemocionais, contribuindo para a sua formação, não compactuando com uma educação padronizada e excludente, trabalhando na diversidade e respeitando as diferenças

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Gestão Escolar

Gestão democrática, gestão compartilhada e gestão participativa são termos que, embora não se restrinjam somente ao campo educacional, fazem parte da luta de educadores e movimentos sociais organizados em defesa de um projeto de educação pública de qualidade social e democrática.

Enquanto lei complementar da educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96) estabelece e regulamenta as diretrizes gerais para a educação e seus respectivos sistemas de ensino. No art. 3º a LDB ressalta que o ensino será ministrado com base nos princípios presentes na Constituição Federal de 1998 no artigo 206, que fala o seguinte:

Art. 206º, inciso

- I – Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II – Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III – Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
- IV – Respeito à liberdade e apreço à tolerância.

Nesse sentido, o ensino deve ser direcionado com igualdade para todos, as escolas públicas e privadas devem coexistir com concepções pedagógicas que permitam que o indivíduo expresse seu pensamento crítico e aprenda a respeitar também a liberdade do outro.

A elaboração de um planejamento escolar surgiu com o objetivo de apresentar um documento que componha todas as necessidades da comunidade escolar e as oportunidades que serão estabelecidas para a mesma. Para isso, foi elaborado um plano de educação o PNE que teve seu surgimento em 1962, mas que teve aprovação em 2014 pela lei. Nº13.005/2014.

Esse planejamento servirá para guiar a rotina da escola dando direcionamento para os alunos e professores. Portanto, ele precisa ser flexível para atender as necessidades de todos que pertencem a comunidade escolar e de acordo com as necessidades que serão estabelecidas pela gestão.

Conforme Libâneo; Oliveira; Tochi (2006 p. 328), “a participação é o principal meio de assegurar a gestão democrática, possibilitando o envolvimento de todos os integrantes da escola no processo de tomada de decisões e no funcionamento da organização escolar.” Diante disso, a construção do planejamento da gestão escolar é fundamentar a realidade escolar, a coletividade e o comprometimento com todos que compõem essa comunidade.

Segundo Vieira (2005), representa um importante desafio na operacionalização das políticas de educação e no cotidiano da escola. Tendo isso, a gestão democrática escolar é uma forma de gerir uma instituição de maneira que possibilite a participação, transparência e a democracia.

## 2.2 Gestão democrática e inclusiva

A concepção de gestão democrática está relacionada a participação coletiva e organizada com o comprometimento na qualidade do ensino para todos. Segundo Lucke (2001), a gestão democrática pressupõe um trabalho integrado em que todas as pessoas que fazem parte da comunidade escolar possam participar das decisões e vivências do cotidiano da escola e que esta possa se tornar um ambiente de participação e respeito as diferenças.

Não há mais sentido em preservar modelos de ensino tradicional e desrespeitar as diferenças, mantendo uma escola que exclui os seus alunos. O artigo 208 da Constituição Federal, § 1º reza que “O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público e subjetivo”. Ainda no artigo 208 descreve que o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, deve ser preferencialmente na rede regular de ensino.

Para Michels (2006), a política de educação inclusiva tem o propósito não apenas de incluir todos, mas também de descentralizar as responsabilidades do sistema educacional com todos os segmentos da sociedade. Nesse sentido, toda comunidade escolar é parte fundamental no gerenciamento das escolas e os professores passam a assumir um novo papel como gestores da educação.

Diante disso, percebe-se que o papel da gestão é incentivar os seus professores e toda comunidade a participar ativamente das atividades e da tomada de decisões dentro da escola. Tendo isso, a inclusão deve acontecer de forma que não prejudique o aluno que se encontra em condição vulnerável. O professor também passa a exercer a função de gestor da educação, no qual traçara metas juntamente com a gestão para o acolhimento e adaptação dos alunos com alguma especificidade.

Mantoan (2003), acreditando no desenvolvimento dos alunos com necessidades

educacionais especiais, aponta algumas estratégias que contribuem para a aprendizagem dos alunos.

- Colocando como eixo das escolas, que toda criança é capaz de aprender;
- Garantido tempo e condições para que todos possam aprender de acordo com as possibilidades de cada um;
- Abrindo espaço para que a cooperação, o diálogo, a solidariedade, a criatividade e o espírito crítico sejam exercitados por alunos, professores, gestores e funcionários da escola;
- Estimulando, formando continuamente e valorizando o professor, que é o responsável pela aprendizagem dos alunos.
- Substituindo o caráter classificatório de avaliação escolar, através de notas e provas, por um processo que deverá ser contínuo e formativo de todo o processo de ensino e aprendizagem.

Portanto, a inclusão implica em práticas pedagógicas inovadoras, visando o sucesso e aprendizagem de todos os discentes.

## 2.3 Considerações sobre o Autismo

Ao longo dos anos tem se tornado frequente as pessoas que apresentam algum transtorno, dentre vários temos o Transtorno do Espectro Autista (TEA), que com diagnóstico é possível notar algumas condições, como a dificuldade em se comunicar e a interação social, problemas esses que não direcionado ao profissional especializado, torna dificultoso o processo de ensino-aprendizagem da criança. Dessa maneira, é frequente nas escolas a entrada desses alunos, visto que a Constituição Federal de 1988 estabelece em seu Art. 206, inciso I, a igualdade de condições de acesso a permanência na escola para todos.

Segundo o DSM-V (Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) (2014, p. 50). O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades de interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e restritos. Esse documento estabelece critérios que facilitam o diagnóstico precoce e o tratamento de vários transtornos mentais, esse diagnóstico é fundamental para que melhores intervenções sejam realizadas. Continuamente, o documento enfatiza que associado a uma condição médica ou genética conhecida ou a fator ambiental ou a outros transtornos do neurodesenvolvimento, mental ou comportamental, é registrado o transtorno do espectro autista associado a (nome da condição, do transtorno ou fator).

Esses direitos também são previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), nos Arts. 58 e 59, que oferecem respaldo para que o ensino das pessoas com deficiência (e que apresenta necessidades educacionais especiais) seja ministrado no ensino regular, preferencialmente, assim como em decretos e documentos.

Art. 58 . Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para

educandos portadores de necessidades especiais.

§1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial.

§2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular.

§3º A oferta da educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

Art. 59 . Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I – Currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

II – Terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III – Professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV – Educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V – Acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

Desse modo, os artigos destacam que as pessoas com necessidades especiais têm o direito de ingressar na rede de ensino, também devem ter atendimento com profissionais especializados, professores com capacitações para atender a sua condição, o currículo educacional também deve ser adaptado juntamente com o planejamento escolar, com a finalidade de incluir esse indivíduo, inserindo-o nas atividades educacionais.

### 3. Indicadores de Diagnóstico do TEA

O autismo se manifesta ao longo do desenvolvimento da vida da criança, cada criança com autismo possui uma particularidade e estereotipia diferente, é possível que além do TEA as crianças apresentam outros transtornos, não se sabe ao certo como surgiu o autismo.

Segundo o DSM-V (2014 p. 51) Isso pode estar relacionado ao fator genético e

fisiológico, e seu diagnóstico é mais frequente no sexo masculino do que no feminino, ele também pode vir acompanhado de outros distúrbios, como depressão, epilepsia e hiperatividade. Apresentando -se em graus variados, desde os mais severos (quando a pessoa não fala, não olha, não demonstra interesse com o outro) até os mais leves, chamado de alto funcionamento (falam, são capazes de acompanhar os estudos, desenvolver-se em uma profissão, criar vínculos com outras pessoas).

Siqueira (2013), considera que o autismo é diagnosticado nos três primeiros anos de vida, quando os neurônios que coordenam a comunicação e os relacionamentos sociais deixam de formar conexões necessárias. Embora o transtorno seja incurável, quando de longa para ser reconhecido e esses neurônios não são estimulados no momento correto, a criança possui um atraso na aprendizagem no que culmina no sofrimento das famílias.

Siqueira também ressalta, que diagnosticadas, as crianças são condicionadas a um tratamento com a equipe multidisciplinar, que a psicóloga ou outra fonte procurada indicará aos responsáveis da criança com autismo. Com o início do tratamento, os pequenos irão despertar comportamentos diferentes. Essa equipe trabalhara no desenvolvimento das chaves motoras que as crianças possuem, a terapia é uma via de mão dupla, pois a família também precisa demonstrar interesse para compreender as particularidades desses pequenos indivíduos.

Em contrapartida, Brito (2017) vai destacar em seu e-book as estratégias de intervenção nos transtornos do espectro do autismo, a autora reitera que não a respostas absolutas prontas e corretas para todo e qualquer caso. Isso porque cada caso tem a sua particularidade e cada estratégia e práticas sobre como intervir com o TEA devem ser levadas em consideração uma série de aspectos, como aspectos comportamentais, fator ambiental, dentre outros. Contudo, já existem diversos estudos científicos que apontam que quanto mais precocemente a criança for encaminhada para o profissional especializado, melhor será suas oportunidades de desenvolvimento ao longo de sua vida.

#### **4. O papel da gestão na recepção do aluno autista**

Quando é mencionado a inclusão dos alunos autistas nas escolas, deve ser pensado também sobre o professor, por vezes ele não está preparado para o recebimento da criança autista. Sabe-se que a função desse profissional é mediar o conhecimento e contribuir para a formação cognitiva e o despertar das competências socioemocionais dos pequenos em sala de aula.

Um dos maiores desafios da atualidade é proporcionar uma educação de qualidade para todos, sem distinções e que assegure um trabalho educativo, organizado e adaptado para atender as Necessidades Educacionais Especiais dos alunos. Nesse sentido, Borges (2005, p.3, apud Bortolozzo, 2007, p. 15) afirma que:

“um aluno tem necessidades educacionais especiais quando apresenta dificuldades maiores que o restante dos alunos da sua idade para aprender o que está sendo previsto no currículo, precisando, assim, de caminhos alternativos para alcançar este aprendizado”.

Ele considera, que o indivíduo com autismo encontra uma série de dificuldades ao ingressar no ensino regular. Uma maneira de melhorar e promover uma aprendizagem significativa para a criança, é adaptando o currículo escolar e promovendo atividades com a utilização de recursos didáticos, tornando o aprendizado prazeroso para o aluno.

De acordo com Valle e Maia (2010, p.23), a adaptação curricular se define como “o conjunto de modificações que se realizam nos objetivos, conteúdos, critérios e procedimentos de avaliação, atividades e metodologia para atender as diferenças individuais dos alunos”.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional reitera no capítulo V, sobre a educação especial, no seu: Art. 59º, inciso I- currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades. Tendo isso, a flexibilização desse currículo é uma forma de estabelecer vínculos entre os pais e os educadores, essa interação com a família é importante para a tomada de decisão que coincidir com as vontades estabelecidas entre educador e família, tornando eficaz o ensino a partir de uma aula planejada e direcionada as competências estabelecidas para a educação do aluno com autismo.

Segundo o Plano de Desenvolvimento Individual para o Atendimento Educacional Especializado (2013, p.74 e 75) as ações necessárias para atender as necessidades educacionais especiais do autista, são as contribuições vinculadas a escola, sala de aula e família. Vale destacar as ações principais como:

- Capacitação específica para a professora da sala regular;
- Estudo e discussão sobre o processo de ensino e de aprendizagem do aluno, com os demais profissionais da escola, no Horário de Estudo Coletivo;
- Atendimento do aluno na Sala de Recursos Multifuncional (SRM);
- Trabalho cooperativo entre o professor da classe regular e o professor do AEE;
- Capacitação dos funcionários e demais professores da escola;
- Orientações à estagiária e à professora sobre como conduzir o trabalho pedagógico com o aluno na sala de aula;
- Presença regular da estagiária na sala de aula;
- Contato permanente com a família;
- Acolhimento do aluno pela equipe escolar.
- Providenciar a implantação de um sistema de Comunicação Alternativa e Suplementar (CAS); -



- Reforçar a relação família/escola a fim de desenvolver estratégias que possam viabilizar e melhorar o desempenho acadêmico e social do aluno;
- Motivar os pais a participar das reuniões da escola;
- Favorecer situações de troca entre família e escola;

Os itens acima são realizados por professores, coordenadores e gestores com a colaboração da família para o melhor desempenho das crianças com necessidades especiais. Vale ressaltar que os profissionais da instituição devem também adaptar avaliações para a facilitação do processo de ensino aprendizagem. Por fim, descrever as conquistas desses alunos durante o período e quais objetivos foram alcançados na sala de aula, tendo uma devolutiva que servirá de parâmetro para a instituição e também para os pais, a fim de buscar outras maneiras para melhorar ou aprimorar o desempenho do aluno durante a sua jornada escolar.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a presente pesquisa realizada e apesar de serem existentes as leis que respaldam que o ensino seja inclusivo para as pessoas com necessidades educacionais especiais, dando direito aos caminhos para o avanço da inclusão no país e validando as políticas de inclusão. Ainda é possível presenciar escolas e profissionais despreparados para tal demanda, instituições que por vezes reconhecem esses direitos e praticam apenas no papel, na prática garantem a inclusão somente na realização da matrícula, mas a realidade acaba sendo destorcida. Diante disso, os docentes enfrentam desafios na inclusão, pois além do despreparo ainda é estudado cientificamente as formas distintas que o autismo se manifesta. Tendo isso, é importante que o profissional que ensinará esse indivíduo esteja ciente do que seja o Transtorno do Espectro Autista e dos desafios que encontrará diante de cada particularidade.

Sabe-se que cada autista tem sua particularidade e que ele precisa do acompanhamento de um profissional especializado, além do docente em sala, e do material didático adaptado de acordo com a necessidade que ele apresenta. Por isso, é importante que a gestão seja receptiva com os pais e com os alunos que estarão entrando na instituição para cursar o ano letivo.

Os pais muitas vezes negam o diagnóstico por medo do filho(a) sofrer preconceito na escola, o que acaba dificultando no trabalho do docente. Sendo assim, a gestão precisa fazer uma sondagem com esses pais para a recepção desse aluno, para que futuramente ele não tenha traumas em relação ao ambiente de aprendizagem e também oferecer formações para seus docentes e ampliar os espaços da escola para a recepção de profissionais multidisciplinares que contribuíram para a receptividade e estímulo no ensino-aprendizagem desses alunos.

Por fim, acredita-se que a um longo caminho a ser percorrido, a inclusão deve ir além da sala de aula, as políticas educacionais precisam ser fiscalizadas e cobradas, deixarem de existir apenas no papel e serem efetivadas na prática, as instituições de ensino precisam ter consciência da importância de conhecer a criança autista, seu diagnóstico, como surgiram os estudos sobre o autismo e contribuir para o processo de inclusão desse aluno.

## REFERÊNCIAS (NBR 6023/03)

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION- APA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: **DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BORTOLOZZO, Ana Rita Serenato. **Banco de dados para o uso de tecnologias de informação e comunicação na prática pedagógica de professores e alunos com necessidades especiais**. Dissertação (mestrado), Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/Pedagogia/anarita.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia/anarita.pdf)

BRASIL. **Constituição (1988)**. **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, **1988**.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB**. 9394/1996

BRITO, Maria Cláudia. Estratégias Práticas de intervenção nos Transtornos do Espectro Autismo. 1. Ed. Instituto Nacional Saber Autismo. 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1EqNDSYdKvxnuLR19Ai4WmV7Y82jDwkjG>

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>

Lei n. 13.005, de 25 de junho de **2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – **PNE** e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 jun **2014**.

LIBÂNEO, J. C; OLIVEIRA, J. F de; TOSCHI, M. S. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LUCK, H. [et al]. **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar**. 5ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MICHELS, M.H. Gestão, formação docente e inclusão: eixos da forma educacional brasileira que atribuem contornos à organização escolar: In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, ANPED: Campinas, Autores Associados, v. XI, nº33, set/ dez., 2006, p.406-423.

Plano de desenvolvimento individual para o atendimento educacional especializado/ Rosimar Bortolini Poker ... [et al.]. – São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2013. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/af-livro\\_9\\_poker\\_v7.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/af-livro_9_poker_v7.pdf)

SIQUEIRA, Cláudia Machado. **Autismo se instala nos 3 primeiros anos de vida:** conheça possíveis sinais do transtorno. Fantástico. Rio de Janeiro. 11 de agosto de 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/quadros/autismo-universo-particular/noticia/2013/08/autismo-se-instala-nos-3-primeiros-anos-de-vida-conheca-possiveis-sinais>

VALLE, T. G. M.; MAIA, A. C. B. **Aprendizagem e comportamento humano**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

VIEIRA, Sofia Lerche. **Educação e gestão:** extraindo significado da base legal. In. CEARÁ. SEDUC. Novos Paradigmas de gestão escolar. Fortaleza: Edições SEDUC, 2005, p. 7 – 20.

## Utilização da caixa silábica como ferramenta de Inclusão Educativa

Gleiciane de Sousa Vieira<sup>1</sup>

Francineia Pires<sup>2</sup>

Mickaelly Dantas<sup>3</sup>

Kerlenne Pricila<sup>4</sup>

Waleria Thays<sup>5</sup>

Beatriz Silva Machado<sup>6</sup>

Lívia Mariana Costa<sup>7</sup>

### Introdução

A inclusão educativa constitui em assegurar o acesso a participação e aprendizagem, a aceitação das diferenças individuais, e valorização de cada indivíduo, através da convivência dentro da sala de aula regular as práticas pedagógicas para que seja efetiva requer adaptações curriculares. A partir dessa perspectiva foi desenvolvido e confeccionado um recurso educativo manual chamado Caixa Silábica, uma caixa com figuras, palavras dissílabas, onde os alunos farão associação do nome das figuras como som e formação das palavras.

### Objetivo

Realizar atividade de integração sensorial incentivando a função fonológica da criança; Estimular o desenvolvimento dos níveis silábicos de cada aluno em sala; Auxiliar na prática pedagógica dando ênfase a importância do uso de recurso didático em sala;

### Resultados

Os resultados encontrados através da observação em sala foram, aprendizado significativo e prazeroso aos alunos, e o espírito de cooperação e interação. Promover ao professor um auxílio pedagógico com o recurso. Assegurar o direito a educação para pessoa com deficiência intelectual, vista em lei, tratando assim de igualdade de condição.

Gerar ganhos para o desenvolvimento cognitivo, físico e motor dos alunos com esse tipo de deficiência. Valorizar os avanços alcançados através do recurso pelos alunos, enfatizando a consciência fonológica.

---

1 Aluna da Faculdade Laboro do curso de Pedagogia. gleiciane0386@aluno.laboro.edu.br – São Luís/MA.  
2 Aluna da Faculdade Laboro do curso de Pedagogia. francineia6119@aluno.laboro.edu.br – São Luís/MA.  
3 Aluna da Faculdade Laboro do curso de Pedagogia. mickaelly0519@aluno.laboro.edu.br – São Luís/MA.  
4 Aluna da Faculdade Laboro do curso de Pedagogia. kerlenne0265@aluno.laboro.edu.br – São Luís/MA.  
5 Aluna da Faculdade Laboro do curso de Pedagogia. waleria6189@aluno.laboro.edu.br – São Luís/MA.  
6 Aluna da Faculdade Laboro do curso de Pedagogia. beatriz0750@aluno.laboro.edu.br – São Luís/MA.  
7 Docente da Faculdade Laboro do Curso de Pedagogia. livia@laboro.edu.br orientador – São Luís/MA.

## Conclusão

Conclui-se por tanto que a inclusão é possível, de modo promissor no aprendizado, a partir do pressuposto de que crianças da sala regular podem normalmente conviver e ter novas vivências, através de uma boa didática inclusiva, e reforçar o trabalho em equipe, e demonstrando a importância da inclusão, em sala, tanto para o aluno que está sendo inserido (o aluno com deficiência intelectual) quanto para os demais alunos.

## **Desafios da Aprendizagem Inclusiva: Trabalhando os sentimentos e a família silábica da letra M com os alunos com autismo (TEA).**

Edna Maria Correa dos Santos, Claudeneide Silva Soeiro<sup>8</sup>

Jaciane Ferreira Louzeiro<sup>9</sup>

Larissa Garcia da Silva<sup>10</sup>

Maria Lívia Santiago de Sousa Germano<sup>11</sup>

Livia Mariana Costa<sup>12</sup>

Shirley Ribeiro Carvalho<sup>13</sup>

Luce Malba Campos Rodrigues<sup>14</sup>

### **INTRODUÇÃO**

Com a responsabilidade de pensar estratégias de intervenção e aprendizagem para portadores do Transtorno do Espectro Autista (TEA), resolvemos dar destaque a algo pelo qual até as crianças neurotípicas têm dificuldades, que são os sentimentos. A compreensão dessa temática envolve uma autorreflexão, um autoconhecimento, por isso compreendemos sua importância e complexidade para cabeças tão jovens que ainda estão formando suas experiências para então relacionar um ato a um sentimento. Pensando nisso, sugerimos uma abordagem de forma bem lúdica para ser trabalhado com crianças do 1<sup>a</sup> Ano do Fundamental. Essas atividades seriam trabalhadas durante a semana, tendo como culminância o uso do recurso “Trilha da Aprendizagem», que serve também de evidência para comprovação da compreensão da temática.

---

8 Aluna do Curso de Pedagogia da Faculdade Laboro.

9 Aluna do Curso de Pedagogia da Faculdade Laboro.

10 Aluna do Curso de Pedagogia da Faculdade Laboro.

11 Aluna do Curso de Pedagogia da Faculdade Laboro.

12 Docente da Faculdade Laboro.

13 Docente da Faculdade Laboro.

14 Docente da Faculdade Laboro.

## OBJETIVO

É preciso entender as nuances quando se trata das aprendizagens de um aluno com autismo (TEA). É sabido que o espectro possui variações e que essas especificidades são desafios para o professor mediador desse processo, como bem coloca a psicóloga Janaína Gaspar (2020, p.01): “Como o autismo é um transtorno do espectro, cada pessoa tem um conjunto distinto de pontos fortes e de desafios, assim como todos nós na verdade. As maneiras pelas quais as pessoas com autismo aprendem, pensam e resolvem problemas podem variar de altamente funcional a severamente desafiadores”.

Neste sentido, ao final desta abordagem pretende-se alcançar a compreensão dos sentimentos, que é um dos pontos de maior dificuldades dos indivíduos que apresentam autismo (TEA), simultaneamente trabalharemos a família silábica da letra M (ma, me, mi, mo, mu). Como mencionado anteriormente, pensamos numa abordagem a ser trabalhada em sala durante a semana, com sua culminância com a “Trilha da Aprendizagem”. O jogo é uma ferramenta que será exposto para os alunos, utilizado do seguinte modo: Com a quantidade de alunos presentes na turma, o jogo iniciará com a trilha exposta no chão, onde possui início e fim, é possível avançar as casas da trilha através de perguntas em 20 cartas e um dado para identificar o número de casas à avançar. O jogo proporciona perguntas direcionadas aos quatro níveis da alfabetização com adaptação para os alunos com autismo (TEA), com demonstrações através de imagens dos personagens do filme “Divertida Mente” (julho de 2015) para desenvolver as emoções.

## CONCLUSÃO

Com base no que foi apresentado; espera-se ao final deste trabalho, que os alunos (especificamente os alunos com TEA) consigam identificar e expressar suas compreensões sobre o tema, serão feitas perguntas sobre os sentimentos e sobre a família silábica do M, para que sejam verificadas as habilidades: (EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado e (EF01LP07) Identificar fonemas e sua representação por letras, trabalhando então as Práticas de Linguagem destacadas na BNCC, que são a “Análise linguística/semiótica (Alfabetização) e Oralidade”.

## REFERÊNCIAS

GASPAR de Abreu Janaina. As nuances do Autismo. Disponível em: <<https://www.imeong.com.br/post/as-nuances-do-autismo>>. Acesso em: 26/11/2022. BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)>. Acesso em: 26/11/2022>



**LABORO**  
ENSINO DE EXCELÊNCIA